

O Eterno Marido

Colaboração de Teresa Lírio

Aspectos a destacar:

A construção dos personagens movidos por angústias, culpas, conflitos, ambivalências, idealizações, resultando em comportamentos que não se sustentam na racionalidade de uma lógica consciente e a construção do sonho como experiência emocional de elaboração de angústias.

O inconsciente e o sonhar que depois foram teorizados pelo criador da psicanálise, foram já evidenciados na obra de Dostoievski que viveu de 1821 a 1881.

Freud cuja produção vai de 1886 a 1937, reconhece que Dostoievski ilustra a psicanálise em todos os seus personagens e em todas as suas frases.

A hipocondria de Veltchaninov é descrita como "causada pelos achaques internos". Pelo talento literário do autor fazemos uma rica imersão no mundo interno do personagem: sintomas físicos, melancolia, culpa e auto reprovação. Em sua face neurótica ligada aos pensamentos obsessivos, e em sua face psicótica ligada a paranoia e ao delírio. Veltchaninov, tinha tudo isso! Atualmente, entendemos por hipocondria uma excessiva preocupação com doenças. E essas outras dinâmicas seguiram um curso próprio de estudo e classificação.

Muitos críticos falam de sempre haver nas tramas de Dostoievski um percurso de culpa e redenção. O que realmente aparece quando encontra a filha e faz disso um objetivo que daria sentido a sua vida miserável, e o redimiria de suas culpas. Demonstra profunda acuidade quanto aos processos de confusão eu / outro, dentro / fora, o que é ricamente expresso nos diálogos sobre as projeções, e nos delírios paranoides. Afinal, o que é meu e que é dele? O que é da realidade e o que crio com minhas fantasias persecutórias? Mostra também, que os sentimentos de amor e ódio não são excludentes e traz elementos para pensar o recalçamento, e outros mecanismos e defesas desenvolvidos posteriormente por psicanalistas.

Mas, mesmo com toda a abertura para essa dinâmica inconsciente, para mim foi um exercício de esgarçamento conceber como verosímil que após a morte da filha ele pudesse aceitar acompanhar o "marido" que via como uma pessoa desprezível, e mais que isso, um covarde e um crápula, responsável pela morte da menina. Assim, V. pareceu-me um personagem mal construído. Mas, a repetição dessa subserviência e ambivalência em relação ao objeto do ódio, seria a neurose do autor, segundo Freud, que escreveu o artigo, Dostoievski e o parricídio (1928). A hipótese ventilada pelo criador da psicanálise é de que D. tinha ódio pelo pai e teria um desejo inconsciente de que ele morresse. O pai era violento e o maltratava, desde criança. Quando este foi assassinado pelos empregados

Dostoievski viveu a realização de seu desejo, de sua fantasia, e teve um insuportável sentimento de culpa que aplacaria ao longo da vida por uma submissão acachapante ao algoz. Assim, a culpa e a redenção em suas tramas, o parricídio em os irmãos Karamazov - (Que filho não tem vontade de matar o pai?) _ o assassinato em Crime e castigo, entre outros, visavam lidar com a culpa que o perseguiu em todos a sua vida.

De alguma maneira vemos essa ambivalência (ira e ternura) na relação de Veltchaninov com Pavel Pavlovitch, o que é descrito por muitos estudiosos como semelhante à síndrome de Estocolmo.

Na vida de Dostoievski isso apareceu em muitos episódios. Dos mais representativos é o fato de que apesar de ter sido preso injustamente e condenado a trabalhos forçados na Sibéria, declarou que a prisão foi justa e lhe fez bem. Teria sido um castigo merecido, não pelo o que fez de fato, mas por atender a necessidade de submeter-se a um representante da figura paterna e de ser punido por suas fantasias parricidas. Quando saiu da prisão, fez poemas para familiares do Czar!

Outra marca também é a busca da redenção religiosa em sua obra e em sua vida.